



COMUNICAÇÃO: A *favela* como discurso: um olhar para pesquisas e estudos sobre urbanização e metropolização de São Paulo (1940-1970)

SIMPÓSIO: E2_07_Relaciones, procesos y modos de habitar rural urbano: América Latina, segunda mitad del siglo XX

AUTOR:

Ana Claudia Veiga de Castro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
anacvcastro@usp.br

RESUMO: Esta comunicação busca apresentar a *favela* como questão discursiva na cidade de São Paulo (Brasil). Diferentemente do Rio de Janeiro, onde a presença precoce das favelas desde o final do século 19 levaria à construção de um debate historiográfico consistente a partir de reflexão crítica elaborada desde a década de 1940; e de outras cidades da América Latina, onde a presença desperta nos estudos urbanos uma série de reflexões, pesquisa e análises desde 1950; em São Paulo, principal metrópole industrial do subcontinente, a favela parece tardar a entrar no debate sobre a urbanização da cidade, incorporada efetivamente como questão a partir da década de 1970, quando o primeiro Cadastro Geral de Favelas é realizado. Retomando o modo como termos – *favela*, *arrabalde*, *subúrbio*, *periferia* e correlatos – foram ou não mencionados em investigações científicas sobre a urbanização da cidade entre os anos 1940 e 1970, apresenta-se aqui uma agenda de pesquisa sobre o percurso da *favela* como questão nos estudos urbanos em São Paulo, indicando a formação de uma categoria fundamental para a história urbana latino-americana por meio dos debates em um período formador dos estudos urbanos, com vistas a discuti-los em uma perspectiva historiográfica.

PALAVRAS CHAVE: Favela; Metropolização; Estudos urbanos; Historiografia; São Paulo

RESUMEN: Este artículo busca presentar la favela como un tema discursivo en la ciudad de São Paulo (Brasil). A diferencia de Río de Janeiro, donde la presencia temprana de favelas desde finales del siglo XIX propició la construcción de un debate historiográfico consistente basado en la reflexión crítica desarrollada desde la década de 1940; y de otras ciudades de Latinoamérica, donde su presencia ha suscitado una serie de reflexiones, investigaciones y análisis en los estudios urbanos desde 1950; en São Paulo, la principal metrópoli industrial del subcontinente, la favela parece haber tardado en incorporarse al debate sobre la urbanización de la ciudad, incorporándose efectivamente como un tema a partir de la década de 1970, cuando se realizó el

primer Registro General de Favelas. Al revisar cómo se mencionaron o no términos como favela, arrabalde, suburbio, periferia y otros relacionados en las investigaciones científicas sobre la urbanización de la ciudad entre las décadas de 1940 y 1970, este artículo presenta una agenda de investigación sobre la trayectoria de la favela como tema en los estudios urbanos de São Paulo. Indica la formación de una categoría fundamental para la historia urbana latinoamericana a través de debates durante un período formativo de los estudios urbanos, con el fin de discutirlos desde una perspectiva historiográfica.

PALABRAS CLAVE: Favela; Metropolización; Estudios urbanos; Historiografía; São Paulo

TEXTO¹:

Casa é casa. Barracão é barracão [31 de maio de 1958].
Quando eu digo casa, penso que estou ofendendo as casas de tijolos [...]
Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância [8 de junho de 1958].
Carolina de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 1960.

Em 1973, Manuel Castells, no texto que abre o livro em que buscou reunir artigos de pesquisadores de várias disciplinas para discutir a condição particular da urbanização latino-americana num contexto de dependência, marcava a diferença entre as duas principais cidades brasileiras de forma a traçar – retoricamente – um arco de possibilidades para o processo urbanizador na América Latina naqueles anos:

Cuando se habla de urbanización en América Latina, ¿se está hablando de los grandes rascacielos de Sao Paulo, oprimiendo desde su perspectiva un universo de calles comerciales apretadas y vivientes o se habla de las favelas que trepan los morros de Rio de Janeiro en medio de tablas y laberintos con folklorismo colorido y sentimental? (CASTELLS, 1973, p.1, grifo nosso)².

Desde então, ou melhor, já desde muito antes, São Paulo foi se constituindo por meio de discursos que indicaram caminhos interpretativos distintos e representações urbanas em alguma medida opostas à então capital brasileira. A São Paulo industriosa e trabalhadora *versus* o Rio das belezas naturais e do ócio remetem à própria formação do Instituto

¹ Esse texto, ao lançar hipóteses e sistematizar alguns dos materiais que vem sendo investigados, é parte (e devedor) de uma pesquisa coletiva que pretende discutir as relações campo – cidade na América Latina, e estabelece os marcos de um diálogo transnacional no âmbito do grupo de pesquisa Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina (CNPq/FAUUSP).

² A citação de Castells parece condensar o que Adrian Gorelik explora em seu livro *A cidade latino-americana como figura da imaginação social* (2022; em português: 2024): que o pensamento sobre a cidade entre os anos 1940 e 1970 cumpre um ciclo em duas fases, a primeira, associada ao otimismo desenvolvimentista e à racionalidade do planejamento, que tomava a cidade como o principal agente da mudança social – a São Paulo dos arranha-céus –; a segunda, marcada pela radicalização política e pela crítica dependentista, viu a cidade cada vez mais como fator de reprodução do subdesenvolvimento – esse Rio das favelas. Escrita em um livro que faz parte desse pensamento da segunda fase, como se vê.

Histórico e Geográfico de São Paulo, constituído para marcar uma posição particular diante da historiografia carioca, e por conseguinte brasileira, que se estabelecia desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição autoproclamada como autorizada a escrever a história da nação (SCHWARCZ, 1993; FERREIRA, 2002).

Se a história das favelas no Brasil, e também na América Latina, é mais comumente discutida a partir da presença precoce de assentamentos precários no Rio de Janeiro – cidade que tem (e segue tendo) uma tradição analítica e historiográfica fundamental em relação ao tema e que, para o bem e para o mal, assumiu a favela como parte de suas representações (PARISSE, 1969; VALLADARES, 1978 e 2005; ZALUAR e ALVITO, 1989; LIMA, 1989; ABREU, 1994; GONÇALVES, 2013; GORELIK, 2022)³ –, ao se olhar para São Paulo, cidade que se torna a principal metrópole industrial latino-americana do século XX (MORSE, 1954; MEYER, 1992; ARRUDA, 2002; CASTRO, 2018; GORELIK, 2022), percebe-se que ali o problema tardou a ser reconhecido oficialmente, sendo enfrentado de modo mais efetivo a partir apenas dos anos 1970, momento em que o termo *periferia* é assumido como um conceito que passa a englobar também a questão das favelas (ARANTES, 2009; BARONE, 2013; LUCENA, 2013).

Buscando recuperar o modo como as favelas foram vistas e compreendidas na cidade de São Paulo por aqueles que tiveram que lidar com o problema entre as décadas de 1940 e 1970, o poder público, a igreja, os acadêmicos, os artistas e, eventualmente, seus próprios habitantes, este texto dialoga com a proposta do Simpósio temático “Relaciones, procesos y modos de habitar rural urbano: América Latina, segunda mitad del siglo XX”, tangenciando “discusiones en torno a la dicotomía campo-ciudad, rural-urbano o formal-informal que han tenido continuidades y especificidades en las diferentes formas de afrontar las realidades locales” (ABOY, MONTTOYA, RAMIREZ NIETO, 2025). Apresenta-se aqui uma agenda de pesquisa em andamento, cujo objetivo é reatar os fios que unem o aparecimento de núcleos de favelas em São Paulo com interpretações que se consagram no campo dos estudos urbanos na segunda metade do século XX, para discutir o lugar de São Paulo na historiografia sobre as favelas no Brasil e na América Latina e o lugar das favelas na historiografia urbana paulista.⁴

*

³ A título de exemplo do fascínio que a favela pode exercer desde muito cedo, lembre-se da vista de Corbusier ao Morro da Favela em 1929: “Quando escalamos as Favellas dos negros, os morros muito altos e muito inclinados onde eles penduram suas casas de madeira e de taipa pintadas em cores vivas, pregadas como os mariscos nos rochedos do porto: [...] não há nem ruas, nem caminhos, é muito íngreme, somente existem veredas que são ao mesmo tempo a enxurrada e o esgoto; aí ocorrem cenas de vida popular animadas de uma dignidade tão magistral que uma escola de pintura de gênero encontraria no Rio uma carreira promissora [...] do alto das “Favellas” vê-se sempre o mar, as enseadas, os portos, o oceano, as montanhas, os estuários; o negro vê isso tudo; o vento reina, útil nos trópicos; um orgulho existe no olho do negro que vê Isso tudo; o olho do homem que vê vastos horizontes é mais altivo, os vastos horizontes conferem dignidade; essa é uma reflexão de urbanista”. (CORBUSIER, 2004, p. 128). Para lembrar da visão corrente, negativa e racista, lia-se nos jornais um par de anos antes “É urgente que [...] se levante uma barreira profiláctica contra a infestação desmedida das belas montanhas do Rio de Janeiro pela praga das favellas - lepra da estética”. (Dr. Mattos Pimenta, ‘Correio da Manhã’ de 18/11/1926 apud VALLADARES, 2005).

⁴ O texto percorre as linhas gerais do projeto de pesquisa docente “Uma presença-ausência: as favelas de São Paulo como questão (1940-1970)”, que vem sendo desenvolvido na FAUUSP.

Suzana Pasternak Taschner (2001) tem razão ao afirmar que se havia favelas em São Paulo pelo menos desde a década de 1940, elas só ganharam importância na década de 1970, pois é nesse momento que o Primeiro Cadastro de Favelas é elaborado pela Prefeitura, mais precisamente em 1973, demonstrando portanto o tardio reconhecimento do problema pelo poder público⁵. Tem razão também ao sugerir que essa defasagem temporal poderia se explicar pela porcentagem que esse tipo de habitação precária representava no total das habitações dos pobres na cidade (1%), que majoritariamente viviam em cortiços e que, quando estes se mostraram insuficientes, passaram a buscar terrenos nas periferias, onde puderam construir casas em loteamentos que iam sendo abertos e que se transformaram, por meio da luta de seus moradores, em novos bairros de uma mancha urbana em constante espraiamento (TASCHNER, 2001; BONDUKI, 1998; MARICATO, 1979; KOWARICK, 1979; GROSTEIN, 1987).

Nabil Bonduki, no fundamental *Origens da habitação social no Brasil* (1998), chega a mencionar a presença de favelas em São Paulo nos anos 1940, porém não deu particular importância ao seu aparecimento, reconhecendo o cortiço como a forma de moradia preponderante dos pobres na cidade, e, após o impacto da Lei do Inquilinato (1942), indicando o lote na periferia, com a casa autoconstruída, como o desdobramento mais evidente desse processo.

Se no Censo de 1950 a categoria “favela” passara a constar como um dos tipos de habitação⁶, diante da sua presença já massiva no Rio de Janeiro, não foi possível, até aqui, localizar dados para a cidade de São Paulo. Quando nos anos 1960 a FAUUSP faz uma pesquisa para “fornecer dados para a compreensão da casa ideal de nível popular, visando captar as expectativas dos moradores” em relação a diversos aspectos, é o lote na periferia que vai aparecer como a casa popular. No volume *Habitação Popular Paulistana*, publicado em 1977, que condensa os resultados da investigação conduzida por Carlos Lemos e Maria Ruth Amaral Sampaio desde a pesquisa piloto elaborada por Lemos em 1965, lê-se na primeira página:

Os estudos, as pesquisas e todo o tipo de preocupação da problemática à habitação popular ressentem-se de maiores informações a respeito das verdadeiras expectativas do primeiro interessado nela, isto é, o trabalhador paulistano. [...] resolvemos pesquisar as casas

⁵ No Rio, cadastros e levantamentos vinham sendo elaborados já desde o final da década de 1930, e um primeiro Censo de Favelas do Distrito Federal (então o Rio de Janeiro) foi realizado entre 1947 e 1948 pela Fundação Leão XIII e pelo Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do Distrito Federal. O Censo de 1950 incorpora a “favela” como categoria de moradia (VALLADARES, 2005; GONÇALVES, 2012; FISCHER, 2021). Também no Recife, lembremos, uma “Liga social contra os mocambos” é fundada na década de 1930, e incita levantamentos e discussões (LIRA, 1994; FISCHER, 2021). Em seguida veremos que em outras cidades da América Latina também houve recenseamentos e levantamentos ainda na primeira metade do século XX, com vistas em geral a promover remoções, mas eventualmente, a pensar possibilidades de urbanização e permanências.

⁶ A primeira definição de favela pelo IBGE em 1950 era: a) Uma agrupação de pelo menos 50 construções; b) Predomínio de casinhas e barracos de típica aparência rústica, geralmente construídos de tábuas e chapas galvanizadas ou materiais análogos; c) Construções não autorizadas e não fiscalizadas em terrenos de terceiros ou de donos desconhecidos; d) Construções não incluídas nas redes gerais de abastecimento de água potável, esgotos, luz e telefones; e) Zona sem urbanizar que não tem adequada divisão em ruas, nem sistema de numeração, ou pagamento de impostos e contribuições (IBGE, 1950), o que levou a serem excluídas no Rio uma série de favelas menores.

autoconstruídas de arrabalde, procurando dados úteis não só através de questionários, mas levantando e analisando as próprias construções e o uso que o habitante faz dela” (LEMOS e SAMPAIO, 1977, s/p, grifo nosso).

Importa notar, entretanto, que essas formulações discursivas – e analíticas –, bem como lacunas e omissões, contribuíram para construir as formas de leitura da cidade. O termo “arrabalde”, utilizado por Sampaio e Lemos, marcava o território que depois seria lido, estudado e também estigmatizado como “periferia”.

Décadas antes o geógrafo Aroldo de Azevedo utilizara o termo “subúrbio” para tratar desses arrabaldes já em franco desenvolvimento nas margens da cidade – local de moradia dos pobres, mas também da implantação de bairros industriais e da manutenção de chácaras que serviam ao abastecimento urbano (AZEVEDO, 1943)⁷. Ali, conduzindo a pesquisa desde seu posto de professor de geografia no Instituto Sedes Sapientiae, dava atenção ao que vinha acontecendo na região mais periférica da cidade, perguntando-se se seria possível “estabelecer o atual limite dessa ‘urbs’ avassaladora”, no momento mesmo que as antigas freguesias, os velhos arrabaldes isolados, já eram considerados bairros, e que novas dinâmicas transformavam toda a região circundante (AZEVEDO, 1943, pp. 3-6).

Ora, entre o *subúrbio* industrial e o *arrabalde* periférico algo havia se passado (CASTRO, 2024). A *periferia* estava sendo criada – como realidade e como tema de estudos – e desde a pesquisa de Lemos e Sampaio, cujo piloto é de 1965, é possível vislumbrar o fio que liga os dois pesquisadores a Sergio Ferro, e em seguida à Ermínia Maricato, Bonduki e Rolnik, que pautariam a discussão sobre as periferias (e as favelas) a partir da década de 1970⁸. No entanto, o que parece interessante pensar é que medida é possível buscar nas pesquisas anteriores os caminhos dessa reflexão, porque talvez seja nesse caminho genealógico que possamos entender em que medida as favelas – presentes na cidade e espalhada por todo o seu território desde os anos 1940 – são subsumidas pelo problema das periferias. Buscando entender como elas foram nomeadas; quais foram os agentes que as identificaram, e qual papel elas tiveram na construção da cidade – talvez seja possível discutir porque elas parecem ter ficado de fora da nossa história. Essas são algumas das perguntas que a pesquisa em andamento vem buscando enfrentar.

Ao buscar o modo como a favela seria (ou não) mencionada nas pesquisas sobre aspectos da urbanização da cidade, buscamos pensar em que medida as favelas fizeram parte dos interesses daqueles que se dedicavam ao problema da habitação, entre outras questões que iam definindo a metrópole paulista, para justamente entender melhor como um

⁷ Diferentemente de São Paulo, no Rio (mas também em Salvador, para lembrar de outra localidade), a palavra *subúrbio* segue sendo usada para designar os territórios populares. Hoje há um grupo de pesquisadores cariocas (Diálogos Suburbanos) que inclusive – frente a importância da dicotomia asfalto/favela nas leituras sobre a cultura urbana carioca – buscam retomar e ressignificar o termo como eixo para suas pesquisas. Ver SANTOS, MATTOSO, GUILLON, 2019.

⁸ Exploramos essa ligação em ARAVECCHIA e CASTRO, 2018, insistindo na importância da pesquisa de Lemos e Sampaio na formação desses intelectuais.

instrumental analítico que permitiria lê-las e analisá-las como parte do tecido urbano foi se constituindo em São Paulo.

Nesse caminho, não parece haver dúvida terem sido as assistentes sociais (em geral mulheres) as primeiras a sistematizarem informações sobre algumas das favelas da cidade de São Paulo, dedicando um interesse sobre a questão e propondo formas para seu enfrentamento. O Trabalho de Conclusão de Curso de Marta Terezinha Godinho, “O Serviço Social nas Favelas” (GODINHO, 1955), é exemplar⁹. Esse trabalho parece ter fornecido instrumentos para o projeto piloto de desfavelamento da Favela do Canindé, levado a cabo na década seguinte por outra assistente social, Iracy Junqueira (PMSP, 1962), e é fonte fundamental para buscarmos quais agentes e instâncias que começavam a lidar de modo mais efetivo com as favelas da cidade, entre eles o surgimento do Movimento Universitário de Desfavelamento – MUD (TANAKA, 1993 e 1995)¹⁰. Mas voltemos ao começo.

*

Partindo da pesquisa em periódicos que circularam em São Paulo, identificamos e mapeamos os primeiros núcleos de favelas da cidade entre as décadas de 1940 e 1960, constituindo um universo de quase cem favelas. Isso permitiu a produção de uma cartografia que demonstra sua presença em toda a mancha urbana e a percepção de uma dinâmica de surgimento e de desmonte constante e crescente (FLOCK, 2022)¹¹. Essa pesquisa foi capaz não apenas de evidenciar a presença de favelas pulverizada na cidade, mas também de iluminar os termos, em geral negativos, com os quais elas eram referenciadas (“chaga urbana”, “mancha negra”, “antro de miséria”, “taperas”, “amontoados disformes”, “redutos de marginais”, “tugúrios sórdidos”) – associando imediatamente os espaços aos sujeitos (eles também vistos “vagabundos”, “malandros”, “bandidos”, “marginais”), fazendo das favelas uma espécie de “reverso negativo da cidade” (SNITISKOFISKY, 2022).

Partimos da tese de Paulino (2007) sobre as representações das favelas nos discursos dos intelectuais, e com a pesquisa nos jornais (FLOCK, 2022), bem como essa bibliografia consagrada nos estudos urbanos de São Paulo (nomes como Pasternak, Bonduki, Lemos e Sampaio, Grostein já mencionados aqui), para definir as fontes preferenciais da investigação.

Vale mencionar o fato de que o problema da favela não era apenas identificado e discutido no Rio. Em nível regional, desde a década de 1950 já havia pesquisas sobre as favelas em outras cidades latino-americanas, e, em 1959 a Unesco, em parceria com a Cepal,

⁹ Godinho, depois seria bolsista do Centro Interamericano de Vivenda (CINVA) em Bogotá, e vai se tornar a Secretária de Assistência Social na gestão Erundina (1989-1991).

¹⁰ Sobre o MUD ver CASTRO, JANOTI, 2025, onde apresentamos os primeiros resultados da pesquisa.

¹¹ A pesquisa de IC mencionada aqui forneceu uma sistematização fundamental a partir do exame de periódicos entre as décadas de 1940 e 1960, permitindo constituir o mapa das primeiras favelas em São Paulo. Não é demais lembrar que o Rio mapeou pouco mais de 100 núcleos em seu primeiro Censo, ou seja, ainda que proporcionalmente vivessem muito menos habitantes de São Paulo nas suas favelas que no Rio, onde elas já constituíam 10% da população, não parece desprezível esse número que a pesquisa pode chegar. Ver CASTRO e FLOCK, 2025.

promove um seminário sobre a urbanização do subcontinente e um dos tópicos de trabalho é justamente a questão das favelas (HAUSER, 1963). São escolhidas como passíveis de comparação três cidades – Rio de Janeiro, Buenos Aires e Lima – onde o problema das favelas, das *villas miséria* e das *barriadas* já vinha sendo tomado pelos intelectuais e especialistas como questão fundamental para os entraves do desenvolvimento urbano, sendo então avaliado, segundo Gorelik, naquele momento, a partir de uma ordem crescente de integração e adaptação dos migrantes (seus moradores) nas cidades (GORELIK, 2022).

Em Lima, os serranos recém chegados são estudados pelo sociólogo José Matos Mar, que elaborara um primeiro levantamento censitário e sugere um caminho de avaliação e de compreensão para o fenômeno já impressionante das *barriadas* (HAUSER, 1963)¹². No Rio, o sociólogo inglês Andrew Pearse logra alterar a visão negativa sobre as favelas construída desde o final do século XIX, e aponta para uma heterogeneidade importante a partir das dezenas de núcleos pesquisados (HAUSER, 1963)¹³. Em Buenos Aires, a partir da instalação de um núcleo de extensão da Universidade de Buenos Aires em uma borda da cidade, Isla Maciel, o sociólogo Gino Germani compara as diferenças entre os antigos *barrios*, surgidos a partir dos imigrantes europeus fixados já no início do século, e as novas *villas*, fruto da migração interna das províncias do norte (tucumanos, saltenhos, riojanos) e dos novos imigrantes latino-americanos (paraguaios, bolivianos), cujas presenças fazia os portenhos lembrarem de seu pertencimento a uma América Latina até então pouco reconhecida (HAUSER, 1963)¹⁴.

O episódio reforça a percepção em relação aos intelectuais e pesquisadores de São Paulo: no mesmo seminário, Juarez Brandão Lopes é o nome que representa a cidade a partir de

¹² O texto de Matos Mar publicado por Hauser (1963) era “Migración y urbanización. Las barriadas limeñas: un caso de integración a la vida urbana”. Ali ele dizia, reconhecendo a manutenção de padrões rurais na cidade: “En Lima, así como en otras capitales sudamericanas, debido a múltiples factores, que generalmente son desajustes de las estructuras económicas y sociales que afectan a todo el país, se han formado conglomerados que reciben diversas denominaciones y que en términos generales son bastantes similares. Estos agrupamientos casi siempre surgen al margen de las disposiciones legales vigentes y son resultados de diversas presiones económicas, sociales y políticas. Ocupan las periferias de las ciudades, creando poco a poco en zonas abandonadas formas típicas de establecimiento que en muchos casos responden a patrones culturales tradicionales o representativos de la cultura de sus componentes, agrupamientos que tratan de ser considerados barrios urbanos por la acción propia de sus componentes”. Vale lembrar que é esse fenômeno que impacta John Turner nos anos 1960, levando-o a desenvolver uma importante obra cuja fortuna crítica se espalha em muitos campos.

¹³ O texto de Pearse, “Algumas características da urbanização do Rio de Janeiro”, publicado por Hauser (1963), já apontava para questões estruturais: “Pero los factores geográficos no son los únicos que explican el crecimiento de las favelas. Una causa más importante es la situación económica del país, sobre todo la relación entre los salarios y el alquiler en la ciudad y en el campo, en la metrópoli y en el interior.”. O norte americano que está nessa cidade como parte da cooperação internacional, é um especialista da Unesco baseado no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), e havia realizado entre 1956 e 1957 um estudo sobre a integração da população favelada através da escola.

¹⁴ O texto de Germani, publicado por Hauser (1963), “Investigación sobre los efectos sociales de la urbanización en un área obrera del Gran Buenos Aires”, como dito, reconhecia uma presença anterior e comparava a fixação de operários europeus com as novas favelas: “Una de ellas, regularmente urbanizada, está constituida por viviendas humildes, en su mayoría casas de inquilinato construidas en madera y chapa canaleta – y habitada por familias nativas da Gran Buenos Aires o inmigradas desde hace mucho tiempo; la otra parte incluye um conglomerado de casuchas de emergência construidas por sus propios moradores, una de las típicas villas miseria surgidas en los últimos quince años, habitada en su mayoría por inmigrantes originarios de provincias del interior del país.”

um texto sobre os efeitos das migrações campo-cidade: “Aspectos de la adaptación de los migrantes rurales a las condiciones urbano-industriales de São Paulo, Brasil” (HAUSER, 1963). O tema particularmente enfrentado, a migração, é lido a partir da *questão do trabalho*, sem se dar maiores atenções aos espaços de fixação dos sujeitos no território¹⁵. Ou seja, a favela em São Paulo é uma questão *não* nomeada naquele seminário de 1959.

Podemos trazer para o debate outra importante investigação que aconteceu contemporaneamente na cidade, encomendada pela Unesco om vistas a pensar as questões raciais em diversas partes do mundo (após os horrores da Segunda Guerra) e que tem em São Paulo um de seus campos. Na década de 1950 Roger Bastide e Florestan Fernandes buscam entender as possibilidades de assimilação dos negros em São Paulo, encarando a situação ainda com certo otimismo, mesmo que descrevendo e reconhecendo situações de preconceito, que eles tenderiam a marcar sobretudo como preconceito de classe, ainda que os depoimentos coletados sugerissem outra coisa (BASTIDE e FERNANDES, 1955; MAIO, 1999; BLANCO e JACKSON, 2014). Pesquisam então as distintas esferas da vida social para entender o modo como os negros viviam na cidade, mas, salvo engano, a palavra favela em nenhum momento é mencionada.

É pertinente também lembrar aqui que após a primeira passagem de Lebrecht por São Paulo (em 1941) e a criação do escritório da Sigmac (em 1956), esta organização seria contratada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para elaborar um levantamento sobre as favelas... mas no Rio de Janeiro (CESTARO, 2015)¹⁶. O episódio, do nosso ponto de vista, é marcante no sentido de mostrar como as elites intelectuais, e também financeiras, buscaram afastar de São Paulo as favelas, contribuindo para impor ao Rio a alcunha de capital das favelas. A pesquisa, “O fator humano nas favelas cariocas”, teria provocado qual reação nos leitores do jornal paulista?

Lebrecht, que já havia conduzido na Escola Livre de Sociologia e Política uma pesquisa piloto voltada à formação de novos pesquisadores em 1947, discutia em “Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo” as condições das moradias paulistas (LEBRECHT, 1951). Elaborada a partir do método desenvolvido pelo dominicano no âmbito do movimento Economia e Humanismo, que ele criara na França, adaptando-o às condições locais, a pesquisa publicada na *Revista do Arquivo Municipal* não chega a tangenciar a presença dos primeiros núcleos de favelas que começavam a surgir, a

¹⁵ Brandão Lopes apresenta o texto intitulado “Aspectos de la adaptación de los migrantes rurales a las condiciones urbano-industriales de São Paulo, Brasil” (HAUSER, 1963).

¹⁶ Aspectos humanos da favela carioca: estudo socioeconômico elaborado por Sigmac, Suplemento Especial, *O Estado de S. Paulo*, 12 e 15 de abril de 1960. Elaborada entre 1957 e 1959, coordenada por José Arthur Rios, a pesquisa é divulgada em dois suplementos especiais publicados no mesmo ano de lançamento do livro de Carolina de Jesus e examina em profundidade 16 núcleos de favelas cariocas, contribuindo para mostrar a diversidade desses agrupamentos na cidade do Rio de Janeiro.

despeito dos endereços pesquisados estarem próximos de algumas favelas, confirmando a invisibilidade daqueles primeiros núcleos¹⁷.

Ora, levando a sério estas leituras contemporâneas sobre a cidade e seus sujeitos, nas quais as favelas não parecem ter tido relevância, mas ao mesmo tempo, pensando na força e no impacto que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina de Jesus provocou na cidade, lançada uma década antes do primeiro cadastro de favelas e que vende dez mil exemplares na primeira semana (PENTEADO, 2018) – deixando de algum modo evidente a vontade de seus contemporâneos em saber mais sobre as favelas –, apresentamos aqui a agenda de pesquisa que estamos percorrendo para poder entender o lugar das favelas em São Paulo e o lugar de São Paulo na história das favelas.

Com os primeiros núcleos mapeados e referenciados na cartografia, com o levantamento das menções as favelas nos principais jornais; com o mapeamento inicial de agentes na academia e no poder público; com o interesse pelo modo como esses acadêmicos vão constituindo veredas de enfrentamento aos problemas urbanos; e com a percepção de que essa temática permite construir interfaces com temas e áreas que constituem e dialogam com a cidade; definimos quatro eixos de investigação que para serem percorridos por meio de pesquisas conectadas:

- a) a favela na administração municipal: para entender o modo como a favela vai ser incorporada como uma questão na administração municipal, por meio de quais agentes públicos e de quais desenhos institucionais¹⁸;
- b) a favela nos estudos sociais e urbanos: para recuperar nas diversas pesquisas sobre o urbano, nos diversos campos, a construção da favela como uma questão científica¹⁹;
- c) a favela e a sua relação com a igreja católica: retomando os agentes assistencialistas e filantrópicos que vão transitar da questão moral a questão social para entender a construção da questão (entrelaçada ao poder público e à academia)²⁰;
- d) a favela na literatura: partindo de Carolina de Jesus, avançar para a discussão na América Latina, recuperando as novelas e romances que lograram uma mudança na forma de encarar a população favelada, e indicando desdobramentos em um diálogo com as discussões contemporâneas acerca da chamada literatura periférica²¹.

¹⁷ Ver a respeito Castro, 2024, onde foi possível perceber, a partir do cruzamento dos endereços pesquisados com os endereços das favelas, uma proximidade que faz ser difícil crer que Lebrecht, interessado na condição de moradia dos paulistanos, não tenha notado o surgimento desses núcleos na cidade.

¹⁸ Com o apoio do pesquisador Mateus Lau, em nível IC (pesquisa com apoio Fapesp).

¹⁹ Com o apoio da pesquisa de Victoria Vellardi Janoti sobre o MUD (apoio Fapesp), em diálogo com o doutorado de Max Hering sobre o Cebrap, buscamos elementos que permitam mapear o tema da favela na academia.

²⁰ Com o apoio de duas pesquisas de IC (aguardando parecer).

²¹ Tenho enfrentado a literatura de Carolina de Jesus como um modo de adentrar na cidade e discutir elementos de sua urbanização, os principais resultados estão publicados em Castro, 2018 e 2023; Castro e Silva, 2020 e Castro, Silva e

A hipótese que anunciamos é que o surgimento de uma bibliografia de corte marxista em São Paulo (e na USP) a partir da década de 1970 – que pode ser sintetizada na publicação de duas obras inaugurais, *São Paulo 1975, crescimento e pobreza*, resultado de uma pesquisa elaborada pelo Cebrap para a Cúria Metropolitana de São Paulo sobre a condição de vida dos trabalhadores, e *A produção capitalista (da casa) e da cidade no Brasil industrial*, organizada por Ermínia Maricato em 1979 – que estabelecer balizas interpretativas dali em diante (ARANTES, 2009), acabaria por tornar opaca a história das primeiras favelas da cidade, ao insistir no que viria a ser chamado de “padrão periférico de crescimento”, apoiado nos loteamentos clandestinos e na autoconstrução²².

Aliado a isso, a imagem da metrópole industrial moderna da década de 1950, alcançando um protagonismo cultural, contraposta a um Rio de Janeiro identificado às favelas desde pelo menos o início do século (e que perde seu estatuto de capital em 1960), também parece ter contribuído para esse apagamento.

Por fim, interessa pensar como a produção literária ficcional – que a partir da metade do século XX passa cada vez mais a se interessar pela realidade urbana na América Latina (RAMA, 2001)²³ – vai ser fundamental nesse jogo para construir uma imagem das favelas que retira delas (ou ao menos matiza) a carga totalmente negativa que elas carregam desde seu surgimento, primeiro de maneira pontual em algumas cidades e logo como um fenômeno que se generaliza por todos o subcontinente.

Embora as favelas já se encontrem “inscritas há tanto tempo na paisagem natural e social” (KNAUSS, 2021, p. 7) das nossas cidades, a história – e a história urbana em particular – é o campo disciplinar que mais tardou a dar sua contribuição para o exame da questão. Quando se debruçou sobre São Paulo, acabou aceitando as implicações de uma leitura precoce da metrópole industrial (MORSE, 1954; 1970; CASTRO, 2021), desviando o olhar dessas formações precárias advindas de um processo migratório sem precedentes.

Esse processo – no Brasil, entre meados dos anos 1950 e o final dos 1970 mais de 35 milhões de pessoas migraram do campo para a cidade²⁴ – foi chamado por Luís Eduardo Soares no seu recente ensaio, *O Brasil e seu duplo*, de “a grande transformação”

Lira, 2021. Aqui remeto também aos diálogos com os doutorados em andamento de Berta Oliveira e Adriano José de Sousa.

²² “Padrão periférico de crescimento” foi a expressão cunhada por Gabriel Bolaffi em seu texto “Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema”, publicado no livro organizado por Maricato (1979). Ali, o autor o define como “o padrão descontínuo de expansão da mancha urbana, típico e facilmente perceptível nas grandes capitais do país”.

²³ Rama nos recorda: “Há uma data que poderia se considerada chave: o ano de 1941, porque registra o aparecimento de vinte obras narrativas, várias delas capitais, que permitem fazer um corte horizontal no continente, revendo as diferentes orientações narrativas, as diversas gerações e as plurais áreas literárias na América” (2004, p. 150).

²⁴ Se em 1950 apenas 36% da população vivia em cidades, uma década depois o país já estava praticamente dividido, tendo as áreas urbanas 47% da população. Em 1970 a inversão tinha se completado, tendo as cidades 58% da população. Vale notar que essa situação é dramática no Brasil, mas nos demais países da América Latina isso vai acontecendo sob essa tendência.

(SOARES, 2019). Ali o antropólogo lança a pergunta: como aqueles sujeitos foram capazes de desenhar novas redes de sociabilidade, de proteção e de solidariedade que lhes garantiriam a sobrevivência em um meio novo e muitas vezes hostil?²⁵ Um dos espaços fundamentais que permitiram essa passagem, definindo novas formas de vida em um país (uma cidade, um continente) que se modernizava, foi certamente o espaço das favelas.

Ao longo do tempo, as favelas foram não só a solução possível para a habitação urbana popular diante de uma lógica urbana que estruturava a cidade a partir da reprodução cotidiana da desigualdade social e da tendência a manter e naturalizar as injustiças sociais, como se constituíram num *topos* para o entendimento do próprio país. Porque em São Paulo isso não foi enfrentado na história da cidade?

É nessa perspectiva – visando responder a essa pergunta – que vimos dialogando de perto com pesquisadores do Rio de Janeiro que têm trazido contribuições fundamentais para uma releitura das favelas cariocas, e demonstram que, por mais singular que seja aquela experiência, ela faz parte, se integra e abarca processo de ordem regional mais amplo – no qual São Paulo pode ser incluída.

Destacamos nesse diálogo o recente volume *Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas*, como uma interlocução privilegiada que indica perspectivas metodológicas de interesse para nosso trabalho. Organizado por três jovens pesquisadores, Rafael Gonçalves, Mario Brum e Mauro Amoroso, o volume reúne pesquisas que vem sendo desenvolvidas na última década que indicam um campo imenso para aprofundamentos. Ao dialogar com os “clássicos” – Valladares, Zaluar e Alvito, Vaz, Abreu – e ao mesmo tempo mostrar seus limites, vislumbram as muitas possibilidades de aprofundamento e mesmo de revisão de algumas certezas. Ao escolherem pontos de vistas específicos – o trabalho sobre os censos, por exemplo (FISCHER, 2022); ou o papel da educação numa gestão municipal que reconhecia as favelas (GONÇALVES, 2022); ou ainda as questões geopolíticas da guerra fria e seus impactos nas remoções de favelas (BERMENGUER, 2022), abrem veredas de pesquisa que podem se rebater na cidade de São Paulo.

Esse interesse mais recente do campo da história urbana é também evidente quando abrimos o foco da lente para a América Latina – onde se destacam trabalhos monográficos como os de BOLAÑO, 2018; SNITSCOFKY, 2022; CODEBO, 2024 – tecendo uma trama que vem se adensando (ABOY, 2019), e com a qual pretendemos contribuir inserindo a cidade de São Paulo nesta discussão regional.

Desta forma, trata-se de partir de fontes primárias – documentos oficiais de época (do Estado, da Igreja, da Academia), periódicos, produção cultural (incluindo literatura e iconografia) – para estabelecer relações da história urbana com a história política do

²⁵ "Em certa medida, os homens e as mulheres que migraram viajaram para longe de si mesmos, afastaram-se do que foram, perderam-se de si. Na cidade, lançaram-se à aventura radical de inventar um novo sujeito, um personagem para si mesmos, um indivíduo que pudessem passar a habitar habitando a cidade, um lugar inteiramente outro - a estranheza sendo intensificada por envolver tanto as relações do sujeito consigo mesmo quanto às relações do sujeito com o novo universo social, a nova linguagem, a nova forma de vida" (SOARES, 2019, p. 76).

Estado e das políticas públicas, com a história do direito, com a história do pensamento social, das relações internacionais, e com a história das representações, ampliando o horizonte e tangenciando os múltiplos campos da história, com atenção a dimensão discursiva e aos significados das palavras na sua relação com os seus territórios de enunciação (TOPALOV, 2014).

Para assentar a presente discussão no campo de interesses com o qual lidamos em pesquisas anteriores, ressaltamos a inspiração na obra de Angel Rama, *La ciudad letrada* (1983), que buscou desenhar um longo arco na constituição de um continente, apoiado na razão ocidental materializada na construção de cidades e na ordem escrita. Rama, situando a constituição do espaço urbano desde a colônia, afirma: “Pues entre las peculiaridades de la vida colonial, cabe realizar la importancia que tuvo una suerte de cordón umbilical escriturario que le transmitía las órdenes y los modelos de la metrópoli a los que debían ajustarse” (RAMA, 2024, p. 107). E quem eram aqueles que deviam se ajustar? Justamente, nas palavras de um cronista do século XV,

[...] todas las plebes, por componerse de indios, de negros, criollos y bozales de diferentes naciones, de chinos, de mulatos, de moriscos, de mestizos, de zambaigos, de lobos y también de españoles que, declarando-se zaramullos [...] y degenerando-se de sus obligaciones, son los peores entre tan ruin canalla (SINGÜENZA Y GÓNGORA apud RAMA, 2004, p. 105)²⁶.

Ora se não vemos, mais de três séculos depois, um Oliveira Vianna assim elencando os habitantes do Brasil:

[...] mulatos e mulatas, mestiços repululantes, desclassificados, agregados, forros carijós, vadios incorrigíveis, vagabundos, valentões de estrada, sicários assalariáveis, empreiteiros de arruaças, chusma, salteadores, pimpões, o caboclo valente, o cabra subversivo, o cangaceiro temível, o troglodita, o caçador bandoleiro, o rixento, o brigão, o valente dos engenhos e o mameluco [...] [uma] fluidez e indeterminação do vocabulário [que] escondiam, além do racismo, a impotência conceitual (VIANA apud SECCO, 2020, s/p),

indicando uma tradição analítica que vale a pena ter em mente ao pensar o lugar das favelas em São Paulo (CASTRO, 2022). Rama afirmava ali, não sem alguma ironia, que “fue sin embargo esa gente inferior, que componía la mayoría de la población urbana, donde se contribuyó a la formación del español americano que por largo tempo resistieron los letrados” (RAMA, 2024, p. 106), ao destrinchar as relações entre cidade e literatura, e as imbricações para alguns insuspeitas entre a ordem urbana e a ordem letrada – como duas faces de uma mesma moeda, a América como uma nova Europa (RAMA, 1983; ROMERO, 1972).

²⁶ Rama recupera ao longo do livro a forma como os letrados foram construindo uma cidade dentro das cidades, nesse ponto em especial (2022, p. 105-107) refere-se a Carlos Singüenza y Góngora, um “pré-iluminista”, nas suas palavras, que como muitos outros, resistia a aceitar a formação dos “americanos”.

Vemos que são ainda esses os sujeitos que Soares vê como “o duplo” do Brasil, que nas cidades tiveram que viver no que foi sempre visto como aquilo que não era a cidade – a favela – ocupando a posição subalterna, rebaixada, fora da norma²⁷. Tomamos tais interpretações e leituras como inspiração e apoio teórico-metodológicos para sustentar as discussões que buscamos enfrentar para trazer as favelas à história urbana de São Paulo.

Nesse sentido, o olhar atento aos discursos, às representações, mas também à dimensão material, concreta das transformações, permite fazer uma leitura urbana de São Paulo a partir do que já ensinou Lepetit, que uma cidade

[...] nunca é absolutamente sincrônica: o tecido urbano, o comportamento dos cidadãos, as políticas de planificação urbanística, econômica ou social se desenvolvem segundo cronologias diferentes. [...] Mas, ao mesmo tempo, a cidade está inteira no presente. Ou melhor ainda, ela é inteiramente presentificada por atores sociais nos quais se apoia toda a carga temporal (LEPETIT, 2001, p. 145).

Por isso, se naquele presente dos anos 1940 e 1950 a cidade se *urbanizava*, se *desenvolvia*, se *industrializava* (palavras que são, como mostrou Gorelik (2022), tomadas àquela altura como intercambiáveis), ela o faz ao mesmo tempo em que busca enquadrar os sujeitos vistos como fora das normas, repondo um mecanismo de construção do próprio continente (RAMA, 1983).

Nossa intenção é poder com essa pesquisa contribuir para iluminar essa dimensão humana de uma experiência de desterro e reconstrução, de passagem e enraizamento, que ocorre no momento mesmo que se dá a construção de um país urbano (1940-1970), discutindo por mio da história das favelas em São Paulo as representações dessa urbanidade que cada vez mais separaram o mundo urbano do mundo rural, apagando toda e qualquer relação. Terminamos aqui com essas duas mulheres, Eclea Bosi e Carolina de Jesus, que de modos distintos mas também convergentes, nos ajudam a pensar, retomando o diálogo com este Simpósio.

Não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo, vão cair no anonimato ao fim do seu percurso errante. A violência que separou suas articulações, desconjuntou seus esforços, esbofeteou sua esperança, espoliou também a lembrança dos seus feitos. (BOSI, 1981, p. 23)

Amanheceu chovendo. Tenho só três cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados (28 de maio de 1958). (JESUS, 1960, p. 45)

²⁷ Soares (2019) destaca a dimensão racial como fundamental para as discussões de classe que vimos fazendo no pensamento social, avançando para um sentido ontológico dessa duplicidade. Pensar a favela não como um *outro* da cidade, mas seu *duplo*, é uma operação que remete também às interpretações de Raymond Williams sobre o campo e a cidade na literatura (WILLIAMS, 1989), retomadas por Codebo (2024), parceira de reflexões sobre o lugar das favelas na cidade.

Referências bibliográficas e fontes de pesquisa

- ABOY, R. (org.). Dossiê: Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en História Urbana. *Revista Urbana*. V. 9 n. 1, jan-abr., 2017.
- ABOY, R.; MONTOYA, A.P., RAMIREZ NIETO, J. Simpósio temático “Relaciones, procesos y modos de habitar rural urbano: América Latina, segunda mitad del siglo XX”, *Caderno de Resumos dos Simpósios e Comunicações do IV Congresso Ibero-americano de História Urbana*. São Paulo: FAUUSP, 2025.
- ABREU, M., Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. *Espaço & Debates*, V. 14, n. 37, 1994.
- ARANTES, P., Em busca do urbano. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 83, mar., 2009.
- ARAVECCHIA, N. e CASTRO, A., Fim de semana y Loteamento clandestino: aproximaciones al universo popular de la vivienda en São Paulo (1970-1990). *Ensayo: Revista de arquitectura, urbanismo e territorio*. Lima, n. 2, 2018.
- ARRUDA, M.A.N., *São Paulo no meio século XX: metrópole e cultura*. São Paulo: Edusc, 2001.
- AZEVEDO, A. *Subúrbios de São Paulo* (Primeiros Estudos). Separata do Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1943.
- BARONE, A. Periferia como questão: São Paulo na década de 1970. *Revista PosFAUUSP*, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 33, p. 64–85, 2013.
- BASTIDE, R. e FERNANDES, F., *Branços e negros em São Paulo*. Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: CEN, 1959/Global, 2019.
- BERMENGUER, L. Habitação e guerra fria: a perspectiva transnacional para o estudo da favela carioca, In: GONÇALVES, R.; BRUM, M.; AMOROSO, M. (orgs.), *Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/ Pallas, 2021.
- BLANCO, A., JACKSON, L. Florestan Fernandes no espelho de Gino Germani, *Sociologia & Antropologia*, UFRJ, v. 4, n. 1, Jan-Jun 2014.
- BOLAÑA, M. J., *Pobreza y segregación urbana: cantegriles montevidianos 1946-1973*. Montevideo: Editorial Rumbo, 2018.
- BONDUKI, N. *Origens da habitação social no Brasil*. Estação Liberdade, 1998.
- BOSI, Ecléa, *Cultura de massa & Cultura popular: Leituras operárias*, Petropolis: Vozes, 1981
- BRESCIANI, M. S. As sete portas da cidade. *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 34, 1991.
- CASTELLS, M. (Ed.), *Imperialismo e urbanización en la America Latina*. Barcelona: GG, 1973.
- CASTRO, A., Carolina e João na cidade: o lugar dos pobres em São Paulo (1950 - 1970). *Anais do XV SHCU - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2018. Republicado como “Narrativas de São Paulo: Carolina de Jesus e João Antonio entre a casa e a rua (1950-1960)”. SPOSITO, F. et all. (orgs.) *Histórias de São Paulo: Construções e desconstruções*. V. 3. São Paulo: Edusp, 2023, pp. 21-34).

_____. *Um americano na metrópole latino-americana*. Richard Morse e a formação de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2021.

_____. As pesquisas sobre habitação de Pierson e Lebrecht e o (não) lugar das favelas em São Paulo nos anos 1940. *Anais do XVIII SHCU - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. UFRN, Natal, 2024.

_____. SILVA, J., Apartment-mirrored and depot: reflection crossings between Clarice Lispector and Carolina de Jesus. *BRESIL(S)*, v. 18, 2020, p. 1-22. Republicado em PONTES, H. e ROSATTI, C. (orgs.), *Casa-Mundo*. São Paulo: Papeis Selvagens, 2022.

_____. SILVA, J., LIRA, J. Narrar por experiências: intrigas, história e cidade. In: JACQUES, P.; PEREIRA, M.; CERASOLI, J. (Orgs.). *Modos de Narrar*. Nebulosas do Pensamento Urbanístico – Tomo III. Salvador: Editora da UFBA, v. III, 2021, p. 50-83.

_____. e FLOCK, J. Una presencia-ausencia como problema de investigación: las primeras favelas de São Paulo (1940-1970). In: CRAVINO, M.C. e GONÇALVES, R., *Asentamientos precarios y memorias de villas y favelas*. Rio de Janeiro, Ed. PUC Rio, 2025.

CESTARO, Lucas, *A atuação de Lebrecht e da SAGMACS no Brasil (1947-1964)*. Tese (doutorado), IAU USP, 2015.

CODEBO, A. *The Slum and the City: Culture and Dissidence in the Villas Miseria of Buenos Aires*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2024.

FERREIRA, A. C., *A epopeia bandeirante: letrados, instituições e invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

FERRO, S. *A Casa Popular*. São Paulo: GFAU, 1972.

FISCHER, B., Do Mocambo à favela: estatísticas e políticas sociais na cidade informal brasileira. In GONÇALVES, R.; BRUM, M.; AMOROSO, M. (orgs.), *Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/ Pallas, 2021.

FLOCK, J., *Memórias do apagamento: as primeiras favelas paulistanas (1940-1960)*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica, Fapesp/ FAUUSP, 2021 (orientação Ana Castro).

_____. *O mundo todo não vale o meu lar*. Trabalho Final de Graduação, FAUUSP, 2023 (orientação Ana Castro).

GODINHO, M. T. *O Serviço Social nas favelas*. Trabalho de Conclusão de Curso em Assistência Social, Escola de Serviço Social. São Paulo, 1955

GONÇALVES, R. *Favelas no Rio: história e direito*. Rio de Janeiro, Ed. PUC, 2016.

GONÇALVES, R.; BRUM, M.; AMOROSO, M. (orgs.), *Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas*. Ed. PUC Rio/ Pallas, 2021.

GORELIK, A., *La ciudad latino-americana: una figura de la imaginación social del siglo XX*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2022. Publicado em português: *A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX*. Salvador: Ed. UFBA, 2024 (Tradução José Carlos Huapaya Espinosa e Revisão técnica Ana Castro).

GROSTEIN, M.D., *Cidade clandestina: os ritos e os mitos; o papel da "irregularidade" na estruturação do espaço urbano no município de São Paulo, 1900-1987*, Tese (Doutorado), FAUUSP, 1987.

HAUSER, Philip Hauser (Ed.), *Urbanización en la America Latina*. Paris: Unesco/Cepal, 1962.

JESUS, C., *Quarto de despejo*. Diário de uma favelada. São Paulo, Francisco Alves, 1960.

_____, *Casa de Alvenaria*. Diário de uma ex-favelada. São Paulo: Cruzeiro, 1961.

KOWARICK, L., *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LANGENBUCH, J., *A estruturação da Grande S. Paulo*. Tese (doutorado), FFLCH USP, São Paulo, 1958.

LEBRET, J. L., Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo, *Revista do Arquivo*, n. CXXXIX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1951).

LEME, M. C., A pesquisa pioneira de Lebrecht sobre as condições de habitação em São Paulo, *Espaço & Debates*, v. 24, n.45, jan.-jul., 2004, p. 110-113.

LEMONS, C. e SAMPAIO, M.R.A., *Habitação popular paulistana*. Relat. de Pesquisa, FAUUSP, 1977.

LEPETIT, B. *Por uma nova História Urbana*. São Paulo: Edusp, 2016.

MAIO, M. C., Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, out., 1999.

MARICATO, E. (org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

MATOS MAR, J. *Las barriadas de Lima 1957*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1977.

MEYER, R., GROSTEIN, M. e BIERDEMAN, C. *São Paulo Metrópole*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2013.

MEYER, R., *Metrópole e urbanismo*. São Paulo anos 1950. Tese (doutorado), FAUUSP, 1992.

MONTROYA PINO, A. P.; RAMIREZ NIETO, J.; ARAVECCHIA BOTAS, N. (Orgs.). *CINVA: un proyecto latinoamericano*. Bogotá, IEU, Unal, 2024.

MORSE, R., *De comunidade a metrópole*: Biografia de São Paulo. São Paulo: Coleção IV Centenário, 1954. Republicado como *Formação histórica de São Paulo* (de comunidade a metrópole). São Paulo: Difel, 1970.

MUD. *Desfavelamento do Vergueiro*: Relatório do trabalho na favela Vergueiro. São Paulo, 1963.

PARISSE, L., *Favelas do Rio de Janeiro: evolução-sentido*. Rio de Janeiro: PUCPR, Reitoria, 1969.

PAULINO, J. *O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas*. Tese (Doutorado). FAU USP, São Paulo, 2007

PENTEADO, G., *Estética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em Quarto de Despejo (Diário de uma favelada)*. Tese (Doutorado), IL-UFRGS, 2018.

PIERSON, D., “Habitações de São Paulo: estudo comparativo”, *Revista do Arquivo*, ano VII, v. LXXXI, Departamento de Cultura, São Paulo, 1942, pp.199-238).

RAMA, A., *La ciudad letrada: um ensayo*. Buenos Aires: Trampa, 2024 (originalmente Arca, 1983).

_____. Meio século de narrativa latino-americana (1922-1972). In: AGUIRA, F. e GUARDINI, S., (orgs.). *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001, pp. 111-208.

SAGMACS, *Estrutura Urbana da Aglomeração Paulistana*, Relatório de Pesquisa, 1956/1957.

_____. Aspectos humanos da favela carioca: estudo sócio-econômico elaborado por Sagramacs, Suplemento Especial, *O Estado de S. Paulo*, 12 e 15 de abril de 1960.

SAMPAIO, M.R.A. e LEMOS, C. *Casas proletárias em São Paulo*. São Paulo: FAU/USP, 1993.

SANTOS, J. J.; MATTOSO, R.; GUILLON, T. (orgs), *Diálogos suburbanos: identidade e lugares na construção da cidade*. Rio de Janeiro: Morula, 2019.

SÃO PAULO (cidade). Desfavelamento do Canindé. Divisão do Serviço Social da PMSP, 1962.

SCHWARCZ, L., *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEABRA, O., *Os meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2015.

SECCO, L. O sentido da informalidade: um breve balanço de uma linhagem da historiografia brasileira. *A terra é redonda*. 2020 <https://aterraeredonda.com.br/o-sentido-da-informalidade/>.

SNITCOFSKY, V., *Historia de las villas en la ciudad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Bisman, 2022.

SOARES, L.E., *O Brasil e seu duplo*. São Paulo: Todavia Editora, 2019.

SOUSA, A.J., *Cotidiano e lutas sociais na periferia de São Paulo: agentes históricos da urbanização de São Mateus*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH-USP, 2021.

TANAKA, M., *Favela e Periferia: estudos de recomposição urbana*, 1993.

_____. *Vivência da realidade e a prática do fazer Movimento Universitário de Desfavelamento*. Caderno LAP, FAUUSP, 1995.

TASCHNER, S. P., “Favelas em São Paulo, censos, consensos e contra-sensos”. *Cadernos Metrópole*, n. 5, São Paulo, 2001.

TOPALOV, C., Isto não é um dicionário. In: TOPALOV, C. et all. (orgs.). *A aventura das palavras da cidade através dos tempos, das línguas e das sociedades*. São Paulo: RG, 2014.

VALLADARES, L., *Passa-se uma casa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Habitação em Questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

VVAA., *São Paulo, 1975: Crescimento e Pobreza*. São Paulo: Loyola, 1975.

ZALUAR, A. e ALVITO, L. (orgs.), *Um século de Favelas*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1989.